

6 *Article*

# Propostas para umha história literária de fundamentação empírica: bases de dados e análise de redes

**Cristina Martínez Tejero**  
Universidade de Santiago de Compostela

## *Keywords*

Renewal of Literary History  
Empiricism  
Social Network Analysis  
Literary Sociology  
Increasingly Autonomous  
Literary Systems

## *Palabras clave*

Renovação da história  
literária  
Empirismo  
Análise de redes sociais  
Sociologia da literatura  
Sistemas em processo de  
autonomização

## *Abstract*

This article seeks to contribute to the methodological review of literary history on the basis of the achievements of the Grupo Galabra project, which are characterised by an approach that can be placed within the parameters of literary sociology and an increasingly more autonomous literary system: the Galician system. In particular, two tools of empirical enquiry will be examined: databases and network analysis. The latter represents one of the main advances made during recent decades in the field of sociology; its characteristics and relationship with literary studies will be noted. The debates within the Francophone scholarly community will also be assessed with reference to given methods of data usage, formulated concepts or the potential to employ these in tandem with Bourdieu's theory.

## *Resumo*

Este artigo pretende contribuir para a renovação metodológica da história literária desde os avanços realizados polo projeto Fisempoga do Grupo Galabra, caraterizado por umha abordagem enquadrável na Sociologia da literatura e sobre um sistema literário em processo de autonomização, o galego. Concretamente serán exploradas aqui duas ferramentas de natureza

*Propostas para unha historia  
literaria de fundamentacion  
empirica: bases de datos e  
analise de redes*  
Cristina Martínez Tejero

empírica, as bases de datos e a análise de redes. Esta última representa un dos principais avances realizados nas últimas décadas no ámbito sociolóxico, polo que serán anotadas as súas particularidades e a súa relación con os estudos literarios. Serán igualmente focados os debates a este respecto realizados desde o ámbito francófono, con atención aos usos dados, aos conceptos formulados ou ás posibilidades de combinación con a teoría do campo de Bourdieu.

*Propostas para umha história literária de fundamentação empírica: bases de dados e análise de redes*  
Cristina Martínez Tejero

1

Sob o nome de FISEMPOGA (acrónimo de *Fabricação e socialização de ideias num sistema emergente durante un período de mudança política: Galiza, 1968-1982*) dá-se conta do projeto desenvolvido no seio do grupo Galabra na Universidade de Santiago de Compostela, com financiamento por parte do Ministerio de Ciencia y Tecnología (Código: FFI2008-05335).

2

O CIEL ('Collectif interuniversitaire d'étude du littéraire'), nascido em 2002, envolve à Université libre de Bruxelles e à Université de Liège, sob a direção de Paul Aron e Jean-Marie Klinkenberg, com a intenção de realizar: 'a história da atividade literária da Bélgica francófona, mediante umha abordagem baseada nom apenas na descrição interna das obras literárias mas também na análise das relações que a vida literária estabelece com todo o conjunto do mundo cultural, intelectual, social e político' (Fréché 2007: 204). As traduções do francês incluídas neste artigo som responsabilidade da autora.

“

A assumida crise de História –nom exclusivamente a literária–, com o questionamento até da sua própria entidade como disciplina, abre novos caminhos cara focagens, ferramentas e métodos que dem conta, dumha perspectiva inovadora e habitualmente alheia aos modelos tradicionais (nomeadamente o nacional) dum campo e um objeto de estudo particularmente arisco às maos das estudosas e estudiosos. Esta procura por trilhos ainda por explorar, assim como as potencialidades que deles se derivem, justifica o presente artigo cujo objetivo é dar conta dumha série de ferramentas empíricas des-

envolvidas no seio do projeto Fisempoga e que procuram contribuir para novas perspectivas e leituras sobre o feito literário.<sup>1</sup>

As pesquisas desenvolvidas sobre os campos culturais do espaço social galego no período entre o tardofranquismo e o fim da (conhecida como) transição política obrigou, nos últimos anos, a equipa deste projeto a fazer uso de técnicas e métodos provenientes de outras disciplinas que permitissem, mediante um uso instrumental, ser fieis a umha perspectiva empírica devedora do que se pretende seja umha abordagem enquadrável na Sociologia da literatura. Em concreto, este trabalho pretende deitar luz sobre usos e virtualidades de dous elementos de distinta entidade e natureza: as bases de dados e a análise de redes. O ponto de partida para as páginas a seguir nom se situa, portanto, no âmbito da discussom historiográfica de nível teórico, senom que tenhem por origem um estudo de caso concreto (com uns condicionantes de emergência, conflito entre sistemas e interferência explícita do campo do poder político). Tentarei, assim mesmo e na medida do possível, salvar o paradoxo inerente à pretensom de fazer achegas que contribuam para a renovação da História literária desde umha proposta que nom se assume exatamente como dentro desta disciplina.

A introdução de ferramentas como as aqui consideradas evidencia umhas dificuldades no seu uso e umhas necessidades de formação nem sempre assumidas polas tradicionalmente denominadas ciências humanas. A sua progressiva incorporação aos trabalhos do projeto Fisempoga implicou, também, ante um desconhecimento de protocolos e métodos de utilização, um manejo nem sempre correto nem fiável, assim como a enunciação de teses erróneas que este artigo procura, em parte, corrigir. Assim mesmo, o conhecimento recente das pesquisas e trabalhos desenvolvidos desde o projeto CIEL, núcleo radicado na Bélgica, e que apresenta coincidências importantes com a nossa pesquisa, abre também novas vias de confronto e avaliação que, em maior ou menor medida, serão aqui convocadas.<sup>2</sup>

### O projeto Fisempoga. Sociologia da literatura e história literária

Se bem nom é a minha intenção fazer aqui umha descrição extensa do projeto Fisempoga, fai-se pertinente a colocação sucinta de certos elementos que contribuam para localizar as diretrizes que regem o trabalho desenvolvido no seu seio e justifiquem o recurso, a determinada altura, às ferramentas que serão apresentadas nestas páginas. O objetivo primordial desta linha de investigação é a análise dos campos culturais –com especial atenção ao intelectual e literário– num período de mudança política forte –o compreendido entre o tardofranquismo e consolidação do regime

*Propostas para umha história literária de fundamentação empírica: bases de dados e análise de redes*  
Cristina Martínez Tejero

3

Os paralelismos entre literatura e nação fôrom desvendados por abundantes investigações nas últimas décadas, se bem é interessante reparar na matização realizada por Klimkenberg e Denis (2005: 100) em que, com base no caso belga, apontam como a existência dum estado nom é (sempre) garantia dumha literatura nacional.

4

Por 'Sociologia da literatura' fai-se referência a umha disciplina com auge a partir anos 70 do século passado e caracterizada pola diversidade quanto aos seus métodos e objetivos mais além desta conceção do literário dentro do social. Ainda sem reconhecimento pleno no âmbito institucional, as suas propostas nutrem-se habitualmente de achegas de mui diversos campos, sendo frequente que a sua prática nom seja exercida por pessoas formadas em sociologia. Casos excepcionais, como o de Bourdieu, contribuem, segundo Aron (2002: 559), de forma definitiva para fazer propostas heurísticas válidas para a análise.

autonómico— que hipotetizamos como chave para as formulações e realidades posteriores da cultura e identidade(s) galegas.

O esquema teórico-metodológico que dá cobertura a estas pesquisas é de carácter funcionalista, assentando-se nas já conhecidas teoria do (poli-)sistema de I. Even-Zohar (1990,1999, 2007, 2010) e teoria do campo de P. Bourdieu (1991b, 1992). Ora bem, se especialmente as propostas do sociólogo francês tenhem como objeto de estudo sistemas 'consolidados', quer dizer-se, caracterizados por umha elevada autonomia e, em grande medida, desnacionalizados (Aron e Denis 2006: 13), casos como o galego apresentam umha série de particularidades e complexidades próprias dumha situação de precariedade, marcada polo déficit de autonomia, que habitua ser caracterizada mediante adjetivos como 'emergente', 'periférico', 'deficitário', 'novo/jovem', dominado, de menor difusom etc., de que, desde diferentes perspectivas teóricas e focagens —com abundantes matizes de divergência entre si— se pretendeu dar conta. Conceitos chave nesta orientação podem ser também os de 'subcampo' (Bourdieu 1985), 'delegação sistémica' (Casas Vales 2003: 74-75), 'instituição débil' (Aron e Denis 2006: 10 e ss.) ou os de 'proto-' e 'subsistema' (Torres Feijó 2004) aos que hai que somar teorizações de interesse como as achegadas por Klimkenberg e Denis (2005: 33 e ss.) ao falar em 'modelo gravitacional' em que, partindo dum paralelismo com a física dos corpos celestes constroem um aparelho teórico, baseado na existência de forças centrípetas e centrífugas, para a análise deste tipo de processos singularizados pola emergência sistémica. Situações como as referidas caracterizam-se pola coexistência em relação de conflito de vários sistemas num mesmo espaço social, o que constitui um desafio para o pessoal investigador que tem de fazer frente a umha situação complexa de concorrência entre instâncias sistémicas, marcada pola sobrevivência de práticas ambivalentes.

Estes processos de emergência do sistema ou campo guardam habitualmente relação com umha construção política paralela; constataçom a partir da qual se configura outro dos objetivos a destacar dentro do Fisempoga: o interesse polo processo de conformação identitária —em parámetros políticos, sociais e culturais—, mediante a localização e análise das linhas força que sobrevivem desde a época de estudo selecionada e que progressivamente alcançárom a hegemonia dentro das principais formulações sobre a identidade galega.<sup>3</sup> Este elemento de investigação bebe diretamente da conceitualização de 'ideias' manejada por I. Even-Zohar, sobretudo nos seus últimos trabalhos, a qual está vinculada com algumas das noções e pressupostos da sua teoria como a de 'repertório' ou a procura de modelos/leis constantes nos processos sociais. Mais além, podem ser encontradas convergências com os estudos, já clássicos, desenvolvidos por Benedict Anderson (1987) e Anne Marie Thiesse (1999), ou a linha de história social encetada por Hobsbawm (1983) com as suas formulações sobre as 'tradições inventadas' e cuja herança no campo académico galego fica patente, entre outros, nos trabalhos de Núñez Seixas (2001).

Cumprer indicar que, desde os seus objetivos e métodos, o projeto Fisempoga nom se assumiu até o momento como de carácter historiográfico, entanto que as suas pretensões fôrom sempre as de inserir-se dentro dessa disciplina difusa conhecida como Sociologia da literatura, a qual visa a focalização do literário mediante a sua inserçom dentro dos restantes discursos e práticas sociais, e cujo nascimento coincide —nom casualmente— com a queda da História literária como quadro epistemológico alvo de confiança.<sup>4</sup> A relação conflitiva e ambígua entre Sociologia da literatura e

*Propostas para umha história literária de fundamentação empírica: bases de dados e análise de redes*  
Cristina Martínez Tejero

5

É interessante comprovar a adesão das pesquisadoras e pesquisadores belgas à fórmula da História social, evidente no caso de Klimkenberg e Denis (2005) mas também de forma geral nos trabalhos do CIEL (veja-se, por exemplo, Dozo e Fréché 2006: 86 ou Dozo 2007).

6

Precisamente Casas Vales (2003: 89; 2004: 57 e ss.; e, especialmente, 2009) explicitou os valores da teoria dos campos sociais e dos (poli)sistemas –ambas base teórico-metodológica do projeto Fisempoga– para a renovação da história literária comparada.

história literária tem leituras múltiplas, como a colocada por Vaillant (2006: 124) quem assinala a situação instável entre ambas as disciplinas e aposta por umha História social da literatura. Aron e Viala (2006: 47-48; 117) entendem, pela sua parte, que umha focagem externa feita desde a Sociologia da literatura deve ser complementada com a leitura específica das formas literárias atribuída tradicionalmente à história literária e apostam por umha combinação entre história social e sócio-poética.<sup>5</sup>

O feito de investigações como a representada polo projeto Fisempoga nom se inclua, polo menos de forma explícita, em formulações históricas nom encontra contradição com a opção por escolhas heurísticas semelhantes às estabelecidas desde os pressupostos de renovação da história literária. Entre elas, o estudo das relações entre sistemas ou a evidencição de conflitos internos (face a conceção imanente, estável e legitimadora manejada pola história literária tradicional); a tendência a encontrar pontes cara outros fenómenos culturais assumindo-os como parte dum mesmo construto e obedientes a umhas mesmas diretrizes (polo que é preferível falar em sistema e história cultural, se bem razões pragmáticas aconselhem centrar e reduzir o âmbito do objeto de estudo); ou a abrangência, determinada pola perspectiva sistémica, do campo no seu conjunto face a opção polas posições centrais manejada por formulações consideradas ultrapassadas nas discussões teóricas sobre a história literária, que nom na sua prática. Indo além, é interessante introduzir aqui as reflexões sobre as possibilidades históricas da sincronia, questão colocada já por Even-Zohar (1990, 2007) quem confere a categoria de histórica a toda a investigação em sincronia feita com metodologia sistémica e fai um chamamento à anulação da identificação de diacronia com história.<sup>6</sup> A este respeito fai-se pertinente anotar também a linha de pesquisa desenvolvida por M. Angenot (1992) quem alude à história em sincronia, rótulo sob o qual desenvolve investigações sócio-discursivas dumha perspectiva empírica e totalizante, baseando-se na análise dos discursos sociais sincrónicos –entre os quais, o literário– num estado determinado do sistema.

### Empirismo e bases de dados

As formulações do projeto Fisempoga contemplam um trabalho de campo intenso mediante o tratamento e análise dum corpus mui abrangente consistente na prática totalidade da produção impressa da época de estudo, especialmente aquela vinculada aos campos culturais e, mais concretamente, ao literário. Consideram-se, desta forma, três tipos de fontes primárias: livros, publicações periódicas (revistas e suplementos culturais dos jornais) e imprensa. É habitual que no Fisempoga se recorra a corpus primário, materiais produzidos na época que se pretende analisar, com o fim de ter umha visom de primeira mão, nom mediatizada por interpretações alheias susceptíveis de serem traçadas desde outras perspectivas ou metodologias, sem que isto signifique o nom recurso a achegas foráneas sobre este mesmo objeto de estudo que permitam crescer no seu conhecimento.

As escolhas de carácter empírico como esta que aqui é tratada tenham sido colocadas como umha das linhas de renovação da aproximação ao literário, dado as suas achegas para sustentar os discursos científicos na procura da superação do relativismo cognitivo propugnado pola pós-modernidade. Aproximações que se pretendam de carácter sociológico devem assumir esta opção empirista e que abre por esta via umha



*Propostas para umha história  
literária de fundamentação  
empírica: bases de dados e  
análise de redes*  
Cristina Martínez Tejero

7

Para exemplos de investigações históricas que contemplam o uso de recursos estatísticos pode ser consultada a publicação periódica *Histoire & Mesure*.

8

Oferecem-se a continuação umhas breves indicações das características e funções destas bases, informação que pode ser completada em Samartim (2009).

controvérsia necessária de enfrentar: a tentação do (neo)positivismo que, sendo umha prática frequente em historiadoras e historiadores da literatura (Vaillant 2006: 126), necessita ser superada (Casas 2008: 52).

As necessidades derivadas de umha focagem deste estilo e o grande número de dados que é necessário gerir, colocam a inevitabilidade do uso de ferramentas informáticas para arrumar a informação recolhida. É por isso que a utilização de formatos como as bases de dados se situam como utensílios úteis para o trabalho diário de projetos ambiciosos quanto ao volume de informação empírica em que baseiam as suas análises e que requer, na maior parte dos casos, um trabalho em equipa, superador das inercias dos projetos unipessoais próprios das humanidades. As potencialidades das bases de dados para umha perspectiva como a adotada polo Fisempoga, derivam da sua própria estrutura relacional –concordante, aliás, com a metodologia sistémica seguida– e da sua capacidade para a arrumação de materiais, o qual abre vias novas de análise mediante a aplicação de métodos quantitativos –provenientes da estatística e a sociologia– que achem novos elementos de avaliação qualitativa sobre o fenómeno literário.<sup>7</sup>

Desde o Fisempoga, desenvolveu-se nos últimos anos um conjunto de bases –criadas em base ao estándar estabelecido internacionalmente, o SQL (Structured Query Language)– orientadas a arrumar os materiais recolhidos da revisão do corpus e que se concretizam nas quatro que nestes momentos estão ativas no projeto: base de revistas, de livros, de imprensa e de trajetórias-instituições.<sup>8</sup> As três primeiras, tal como pode ser deduzido dos seus nomes respetivos, têm como objetivo facilitar a recolha arrumada dos dados proporcionados por cada um desses corpus específicos, contribuindo para a sua localização e caracterização mediante o preenchimento dos diversos campos contemplados nos formulários –e que nutrem as diferentes tabelas as quais, interligadas entre si, conformam a estrutura interna de cada base. No caso das revistas e jornais esta informação é de duplo tipo: por umha parte, há certos rasgos pouco mutáveis destinados a proporcionar informação sobre cada ente em si (por exemplo, cargos diretivos, localização, prelo, tiragem, preço, etc.) e outra encaminhada a conter dados de cada um dos itens concretos, quer dizer-se, artigos e notícias, mediante a sua ubiquação no conjunto e a sua classificação.

A base de trajetórias-instituições, pola sua parte, contempla a informação sobre o sistema que, sendo deduzível do próprio corpus ou de fontes bibliográficas secundárias, fica fora dos objetivos contemplados em cada umha das outras bases, como, por exemplo e tal como novamente indica a sua denominação, os dados sobre as instituições (tanto sobre a entidade em si como sobre os eventos a ela vinculados) e de trajetória das e dos agentes (complementados com a informação sobre a sua presença em cargos diretivos ou a sua autoria de livros ou artigos já recolhida nas outras bases e em pontos específicos desta mesma). Como é deduzível do apontado até aqui, a opção por um método de trabalho como este, estabelece umha série de requisitos para o sucesso da investigação que passam pola configuração de protocolos de recolha, um grande investimento temporal em trabalho de campo, a atualização dos conhecimentos técnicos da equipa investigadora e, na maior parte dos casos, também polo investimento em recursos humanos auxiliares. Critérios como a exaustividade e a objetividade são também invocados nestas práticas em aras da consideração dumha maior cientificidade dos estudos literários percebidos como instalados no subjetivismo interpretativo.

*Propostas para umha história literária de fundamentação empírica: bases de dados e análise de redes*  
Cristina Martínez Tejero

9

Esta base é acessível em linha na página do CIEL. Para umha descrição pormenorizada, som prescritivos os artigos de Dozo e Fréché (2006) e Fréché (2007).

10

Outro exemplo do uso de bases de dados em aproximações ao fenómeno literário – neste caso, inscrito na corrente da História da edição literária – pode ser a ‘Base de données sur les métiers du livre au Québec’, criada por membros do GRÉLQ (Groupe de recherche sur l’édition littéraire au Québec, vinculado com a Université de Sherbrooke) e do próprio CIEL.

O já referido projeto CIEL contempla igualmente entre as suas premissas de trabalho o uso de bases como ferramenta de acúmulo de dados que posteriormente serão objeto de análise mediante tratamento estatístico e cujo desenho se integra já neste processo de trabalho com a informação (Dozo 2007: 10). Subdividida em quatro grandes partes – ‘auteurs’, ‘œuvres’, ‘revues’ e ‘questions’ –, esta base compila toda uma série de conhecimentos sobre estes elementos que, dado o seu grau de preenchimento e quantidade de dados, é igualmente formulada (Fréché 2007: 210) como um ‘Dictionnaire électronique de la vie littéraire belge francophone’ para o período contemplado (entre 1920-1960).<sup>9</sup> A diferença fundamental entre este esquema, que pretende ser a fonte de dados dos trabalhos a desenvolver nesse projeto, e a manejada no Fisempoga radica na divergência parcial existente nos seus objetivos: enquanto no CIEL se pretende umha história da vida literária belga em língua francesa, as premissas bourdieuanas que baseiam o seu trabalho, justificam a concentração no elemento autorial como núcleo de análise (ajudado pelas suas próprias hipóteses sobre a importância do capital relacional em casos como o contemplado), o que explica a concentração de informação sobre a trajetória – pessoal, social e literária – das e dos agentes envolvidos no campo literário. O nível de abrangência quanto a este elemento não é equiparável ao concedido no projeto Fisempoga onde os pontos de atenção se dispersam a partes iguais entre instituições, produtos culturais, materiais repertoriais, etc., num esquema que se pretende mais completo para a abordagem do sistema mas nem sempre realizável.<sup>10</sup>

### **Análise de redes sociais e campo literário**

Nos últimos lustros mas com umhas origens que percorrem todo o século xx e se intensificam a partir dos anos 70 (Molina 2001: 22 e ss.), tem sido desenvolvida a conhecida como Análise de Redes Sociais (ARS) que pretende oferecer métodos e fórmulas para a análise da estrutura social, concebida esta como o resultado das interações relacionais que se produzem no seu seio (Degenne e Forsé 1994: 14-15). A ARS trabalha, portanto, com base nas relações – entendidas aqui como um vínculo específico – que têm lugar entre um conjunto de elementos, habitualmente denominados ‘atores’ ou ‘nodos’ e que podem responder a entidades de diversa natureza, usualmente indivíduos mas também famílias, empresas, estados ou instituições.

É precisamente na sua condição de perspectiva relacional sobre a realidade social que a ARS se afasta das formulações mais clássicas da sociologia: face a tradicional focagem por atributos (de carácter ‘natural’, como o sexo ou a idade; ou de carácter social, como a classe) estabelecidos como categorias apriorísticas na investigação, esta escolha incorpora a premissa de que som as relações concretas, o contexto relacional em que está inserido o indivíduo, o que explica as normas que regem o seu comportamento (Degenne e Forsé 1994: 7). Isto não significa que as variáveis atributivas não sejam contempladas nesta forma de análise; estas devem, porém, surgir do trabalho com os próprios dados considerados, quer dizer-se, som emanadas pela rede de relações dentre os elementos. De feito, o posicionamento excessivamente contrário às análises categoriais que apresentava a ARS nas suas conceções iniciais foi progressivamente corrigido, especialmente na década de oitenta, incorporando nas suas formulações elementos habitualmente relegados como as ‘estruturas sociais’, os ‘atributos’ dos atores e

as normas ou a cultura, no que se conhece sob a denominação de ‘análise estrutural (da rede social)’ (Imízcoz Beunza 2004: 12 e ss.).

Foi evidenciada com as linhas anteriores a confiança concedida à estrutura como elemento fundamental para explicar a atuação dos atores, apesar do qual Degenne e Forsé (1994: 9 e ss.) fogem ao conflito entre os dous paradigmas antitéticos das ciências sociais, individualismo e holismo, e adotam a postura do ‘determinismo fraco’ (1994: 11), segundo o qual, a estrutura ‘exerce umha restrição apenas formal, o que deixa o indivíduo livre para agir, se bem, dada esta restrição, nom lhe é possível fazer todo’. O quadro estrutural situa-se simultaneamente como um efeito emergente das interações entre elementos e umha construção formal: se bem na atuação dos atores prevalece um certo ‘princípio de racionalidade’ –os indivíduos escolhem segundo as suas preferências tendo, aliás, em conta a avaliação dos potenciais benefícios e perdas–, a percepção dos seus próprios interesses encontra-se também afetada pela ação da estrutura, a qual pode, pela sua vez, ser modificada pela relações que som estabelecidas. A este respeito, podem ser referidas as convergências entre esta conceção e a teoria do *habitus* defendida por Bourdieu, na medida em que esta incide no reflexo que os condicionamentos sociais produzem nas categorias de percepção e apreciação dos indivíduos.

Intimamente ligado com o apontado nas linhas anteriores e contribuindo também para certificar os progressos que supom a ARS, surge o feito de que esta ferramenta alcança a superar umha das principais dualidades que afetárom tradicionalmente às ciências sociais: o conflito entre o micro e o macro, isto é, entre umha focagem dos atores sociais e outra que opte pela estrutura organizacional. Todas estas progressions constituem o fator explicativo do sucesso e auge da análise de redes nas últimas décadas, inclusive, em disciplinas alheias à sociologia e às ciências sociais em geral, estendendo-se cara ámbitos do saber técnicos, das ciências experimentais e humanísticos, que contribuem de forma definitiva para alcançar avanços para este ramo do saber e justificam o que alguns especialistas recolhem sob o rótulo de ‘hibridación disciplinaria’ (Gualda Caballero 2005).

Por outro lado, a ARS como ferramenta de análise da estrutura social contempla entre os seus rendimentos a representação de sistemas sociais através dos chamados sociogramas (na tradição sociológica) ou grafos (na matemática) que representam os atores ou nodos mediante pontos e as relações por linhas. Através deles é possível inferir umha certa estrutura, mediante a deteção de conjuntos próximos ou intervenientes afastados, dado que este mapa da rede de relações surge da interação entre todos os nodos contemplados nela, agrupando-os em virtude das semelhanças existentes ou deslocando-os entre si segundo as conexões deduzíveis da recolha dos dados relacionais entre atores, obrigada a dar conta da frequência da interação e da sua intensidade. Entre o conjunto de possibilidades que coloca a ARS está igualmente a de poder ser realizadas medições sobre umha determinada rede, oferecendo cálculos sobre a centralidade, densidade ou coesão que contribuem para avaliar eficazmente as diferentes relações entre umha série de elementos. Para além disso, a complexidade da aplicação de ARS, dada a sua exigência de conhecimentos de estatística, noções de álgebra de matrizes e de operações com grafos, vê-se em parte paliada pelo progressivo desenvolvimento de programas informáticos de tratamento e visualização que permitirám, num futuro, a incorporação habitual desta técnica ao repertório de ferramentas disponíveis para a investigação social (Molina 2001: 15-16).



O estatuto da ARS como disciplina emergente e a sua presença em abundantes áreas científicas institucionalmente estabelecidas nom é alheio às conhecidas como ciências humanas (e que tendem, cada vez mais, a encontrar pontos de convergência com as ciências sociais). Sem ir mais longe, no caso da história é interessante referir a linha de trabalho encetada polo investigador basco Imízcoz Beunza (2001 e 2004) quem descobre nas redes sociais um método válido para o estudo do Antigo Regime, mediante a aposta –com a tentativa de salvar a crise dos grandes paradigmas historiográficos– pola análise indutiva da sociedade a partir da focagem dos atores sociais no que se pretende constitua umha ‘História (mais) global’. Assim, a perspetivaçom sobre os indivíduos e a sua rede de relaçoens procura dar conta das articulaçoens reais que se produzem entre eles de forma que acheguem informaçoem relevante para a explicaçoem das suas condutas e dinâmicas, graças à aceitaçoem da premissa segundo a qual o comportamento dos atores emerge como efeito da forma de rede. Trata-se dumha proposta historiográfica de carácter empírico e social –com conexoens com a conhecida como micro-história pola sua conceptualizaçoem dos agentes sociais como motores das mudanças históricas–, e que se orienta na procura da globalidade mediante a focagem, aliás, das estruturas de organizaçoem que nom som acessíveis polo estudo da rede. Com um marcado interesse polas dinâmicas de mudança social e incorporando noçoens desenvolvidas pola antropologia, o seu estudo centra-se sobretudoo nas redes de poder através do parentesco –mediante a focalizaçoem privilegiada da correspondência entre as elites– para deduzir as formas de promoçoem em diferentes organismos e ubiquaçoens. Neste caso, o uso das ‘redes’ nom tem, de forma habitual, um desenvolvimento técnico, sendo a sua utilizaçoem sobretudoo de carácter conceptual e metodológico, entendendo a existência dumha estrutura reticular de circulaçoem de capital, sem a utilizaçoem, porém, dum suporte tecnológico para o seu estudo.

No relativo a estudos que, dumha perspectiva de redes, foquem o campo literário é preceptivo citar os trabalhos, já clássicos, de Wouter de Nooy (1991) e Helmut Anheier, Jürgen Gerhards e Frank Romo (1995). No caso do pesquisador holandês a sua investigaçoem situa-se na linha desenvolvida por Van Rees (1983) sobre o efeito da crítica na produçoem do valor simbólico das obras, centrando este trabalho no estudo das redes de relaçoem entre atores do campo literário (e procurando conexoens com revistas, movimentos e editoras), a partir dum estudo de campo baseado na produçoem crítica sobre umha seleçoem de autoras e autores da narrativa holandesa em torno ao ano 1970. Anheier, Gerhards e Romo desenvolvem, pola sua parte, umha análise empírica sobre as relaçoens existentes entre produtoras e produtores literários vivos residentes em Colónia, um dos centros culturais da Alemanha, que lhes permite observar –mediante a incorporaçoem também das variáveis de capital cultural e económico– umha série de estratos no campo literário e diferenças substanciais quanto à estrutura interna do centro e a periferia.

Mais além destes dous estudos aplicados, resulta de especial interesse para as potencialidades contidas na análise de redes para a abordagem do literário –tanto polo seu nível de discussom teórico-metodológica, como pola diversidade de vozes recolhidas e a sua aceitaçoem da teoria dos campos como quadro de referência– a obra coordenada por De Daphné e Denis (2006) e nascida dos contributos ao encontro científico celebrado em Liège em Maio de 2003 sob os auspícios do já referido CIEL (vid. nota de rodapé 4). Com achegas de pesquisadoras do intersistema francófono –entre os que se encontram pessoas vinculadas diretamente ao percurso académico e investigador

de P. Bourdieu juntamente com pessoal incorporado mais recentemente ao mundo científico—, combinam-se aqui os estudos de caso e as reflexões a um nível mais abstrato, numha obra que pretende certificar a ideia conceptual das ‘redes’ —nas suas diversas aceções— como um trilho ainda por explorar em todas as suas dimensões dentro dos estudos literários realizados sob umha orientação sociológica, mediante a evidenciação dos avanços que possibilitam, assim como os limites existentes.

A recente inclusão do conceito de rede aos estudos literários, com umhas aplicações específicas vinculadas especialmente à perspectiva agencial, bebe, em grande medida, da própria abertura desta noção que possibilita um achegamento às relações efetivas entre os indivíduos (Fréché 2006: 206). Neste sentido, entende-se por ‘rede’ o conjunto de relações estabelecidas, no seio dum espaço cultural e social dado, entre diversos atores, grupos e instituições, as quais asseguram ademais a unidade e coerência deste espaço (Dozo e Fréché 2006: 86). É, porém, M. Lacroix quem oferece no seu artigo «Littérature, analyse de réseaux et centralité: esquisse d’une théorisation du lien social concret en littérature», fundamental para perceber a aplicação da ARS ao mundo literário, umha definição mais propícia ao conceito de ‘redes literárias’ (2003: 492):

Serám literárias [...] as redes organizadas em torno da partilha dum recurso principal, produzido e avaliado, na rede e fora da rede, em função dos critérios que regem a literatura da época. Serám considerados como atores desta rede todos aqueles que, em diferentes formas, estejam envolvidos na produção, distribuição e avaliação de textos literários.

Neste sentido, este investigador (2003: 492-3) coloca a possibilidade de que, em consonância com os objetivos de estudo pretendidos, se opte, em ocasiões, por umha focagem não das redes literárias, senão pelas intelectuais ou culturais; estas últimas, aliás, são por ele hipotetizadas como de carácter específico dentro do quadro das redes sociais em geral, devido às condições produzidas sob a coexistência de tensões entre capital económico, social e simbólico (aos que, na nossa opinião, haveria que acrescentar o político, tanto pela importância que o próprio Bourdieu lhe concede dentro do campo do poder, assim como polo protagonismo que esta variável tem nos processos de emergência cultural).

Fica patente através das linhas prévias o interesse pelo indivíduo —especialmente a autora/autor— como ponto central deste protocolo de pesquisa —e que, da perspectiva dos referentes metodológicos do *Fisempoga*, o achega mais ao programa bourdieuano do que às propostas de Even-Zohar. De feito, a linha de investigação desenvolvida ao abeiro do núcleo CIEL tem como objetivo utilizar a noção de rede para render conta das relações e da estrutura relacional do pessoal literário belga francófono, entendendo por ‘personnel littéraire’: ‘o conjunto dos participantes no campo literário, trata-se quer de atores literários (autores), económicos (editores), políticos (responsáveis das instituições culturais) ou outros’ (Dozo e Fréché 2006: 86). Tal como indica G. Sapiro (2006: 45), a análise de redes está particularmente bem adaptada à aproximação sociológica dos meios literários dada as fronteiras débeis e porosas que caracterizam o mundo das letras; assim, esta ferramenta abre todo um leque de possibilidades para descrever as interações entre os modos de formação dos grupos (círculos, escolas literárias, revistas, movimentos) e o seu

métodos de mobilización (manifestos, peticións, asociacións, agrupamentos *ad hoc*, etc.).

As características assinaladas conectan con unha serie de conceptos que pretendem dar conta dos mecanismos sociais ativos nos meios intelectuais. O primeiro em que cumpriria deter-se é o de 'sociabilidade literaria', tal como é definida por Ponton e Aron (2002) ou trabalhada em múltiplos estudos polo quebequense Pierre Rajotte (vid., por exemplo, 2002); noçom que pretende pôr de relevo o fator de socialización inerente à literatura como ato de comunicación social –face ao traballo esencialmente solitario da escrita– e cuja concretización espacial passou historicamente por diversas ubiquacións (mosteiros, universidades, livrarias, cabarés, salons, cafés, jantares, revistas, casas editoriais, correspondência, etc.) em que autoras e autores e demais agentes envolvidos tinham contactos entre si, aplicando criterios de afinidade eletiva e estabelecendo redes de difusom de modelos estéticos e ideas (Ponton e Aron 2002: 554). Cobram importancia, neste sentido, teorizacións como a de 'capital social' que, desenvolvido desde presupostos divergentes por autores como Bourdieu, Coleman ou Putnam, é reclamado por muitas das investigadoras e investigadores em redes sociais como um quadro conceptual especialmente adecuado. Tanto Sapiro (2006: 47) como Lacroix (2003: 481 e ss.) encontram nesta conceptualización –recolhida fundamentalmente do autor da teoria do campo, porém, reinterpretada por Nan Lin, no caso do investigador do Quebec, como os bens e facultades inseridos na rede do individuo–, um recurso válido para os estudos que nos ocupam, incorporando nas suas formulações a importancia que as diferentes posições no campo revelam quanto ao reparto desigual dos capitais ativos e erigindo-se como um conceito útil para as investigações relativas a trajetórias individuais ou de grupos, organizações, revistas, etc. Pola sua parte, o núcleo reunido à volta do CIEL, opta preferentemente pola noçom de 'capital relacional', que situam como diferente ao capital social e simbólico, definindo-o como 'a capacidade maior ou menor que possui um agente para usar os vínculos (de amizade, de convivência, de proximidade ideológica, etc.) com vistas a producir uns efectos determinados' (Aron e Denis 2006: 16). Entra aqui igualmente em jogo a qualidade da rede e o tipo de recurso ao que dá acceso, assim como os mecanismos que comandam a sua ativação e a eficácia alcançada. Entre as questões levantadas a este respeito está a ausência dum estudo em profundidade que dê conta da articulação entre capital relacional e simbólico.

A (potencial) conjugação entre as teorizações arredor das redes e a teoria do campo é um dos aspectos mais abordados nas utilizações deste método no estudo da literatura. As proximidades com Bourdieu na importancia concedida ao elemento relacional e, de forma genérica, à estrutura som aspectos a destacar nesta linha. É preciso lembrar a analogia com o mundo da física, concretamente dos campos magnéticos, que o sociólogo francês (1991a: 27 e ss.) incorpora nas suas formulações sobre os campos sociais, entendendo que a ubiquação dum elemento neles –por exemplo, um agente ou unha instituição– só pode ser explicada tendo em conta o seu posicionamento em relação aos outros com os que atua em concorrência por exercer a dominação. Desde estas premissas, a noçom de relação é inerente à de campo e as posições existentes nele derivam diretamente da estrutura, elemento constritor e simultaneamente definidor.

As tentativas de articulação da análise de redes com as propostas bourdieuanas habituam coincidir na aceitação da teoria do campo como formulação válida de carácter mais global (Viala 2006: 276), dentro da qual

*Propostas para umha história literária de fundamentação empírica: bases de dados e análise de redes*  
Cristina Martínez Tejero

11

Nesta tendência situa-se Wouter De Nooy (2003) quem afirma, a partir da focagem dos meios técnicos empregues –ARS e mapas de correspondências–, a semelhança entre ambos e procura a convergência da teoria do campo com a análise de redes mediante o focalizaçom dos distintos tipos de relaçoens contempladas por eles, numha orientaçoem que pretende contribuir para umha maior conciliaçoem entre os desenvolvimentos teóricos e práticos das propostas bourdieuanas.

as redes cumpririam umha funçoem complementar, destinada a preencher os aspectos deficientemente estudados pola primeira: as relaçoens concretas entre agentes (Lacroix 2003) ou os processos específicos acontecidos no seio de campos dominados ou fracamente autonomizados (Aron e Denis 2006: 15 e ss.; e, seguindo-os, Fréché 2006 e Dozo 2007). Som abundantes, por outro lado, as redaçoens científicas que dam conta dos pontos discordantes entre a perspectiva de redes e a teoria do campo; veja-se, sem ir mais longe, a achega de Boschetti (2006: 61 e ss.) ao volume *Les Réseaux littéraires*, com umha clara incidência nas deficiências da noçoem de rede em relaçoem às formulaçoens bourdieuanas ou o artigo de Claisse (2006: 25 e ss.), nesta mesma obra, quem adota um posicionamento crítico sobre o que considera umha simplificaçoem excessiva da realidade por parte da ARS mediante a aceitaçoem de que a focagem das relaçoens efetivas entre os indivíduos podem dar as chaves do seu comportamento e realiza um chamamento à precaçoem à hora de combinar ambas propostas: ‘provavelmente é melhor não tentar umha aliança contra-natura e ser consciente das limitaçoens de cada programa de pesquisa’ (2006: 30).

Interessa-me, no entanto, convocar nestas páginas as diferenças assinaladas por Lacroix (2003: 482-3) quem encontra discrepâncias no grau de determinismo contemplado (débil para a ARS, forte para teoria do campo) e no tipo de relaçoens estudadas (abstratas e de oposiçoem para Bourdieu, diretas entre agentes –independentemente da sua natureza– para a ARS). Igualmente, Sapiro (2006: 46 e ss.) incide nos pontos discordantes no aspecto relacional entre ambas propostas numha argumentaçoem cuja síntese pode ser o seguinte parágrafo (2006: 49):

Assim, enquanto a teoria de redes isola a variável do capital social ou descreve a estrutura das relaçoens sociais sem a relacionar com os outros atributos dos atores nem com as caraterísticas da atividade estudada, a teoria do campo permite atingir a estrutura das relaçoens objetivas que regem um espaço a respeito dos interesses específicos da atividade que é desenvolvida, com frequência em detrimento dum estudo dos tipos de relaçoens efetivos que nele tenhem lugar.

Fai-se necessário anotar, além disto, as diferentes escolhas privilegiadas por cada umha destas linhas de pesquisa no relativo ao métodos quantitativos empregues para o tratamento de dados. Como é bem conhecido, o programa investigador de Bourdieu está intimamente ligado nas suas aplicaçoens práticas ao método estatístico de análise multivariante conhecido como análise de correspondências múltiplas, que permite a observaçoem do reparto de propriedades e de instâncias, entanto que a ARS se concentra – com umhas fórmulas específicas de análise– na focagem das relaçoens entre agentes (elemento este nom contemplado pola técnica anterior). Os estudos realizados demonstram que estas duas vias nom som opositivas senom complementárias quanto à informaçoem que achegam (Sapiro 2006: 50). Em todo o caso, se as indicaçoens prévias ajudam a perceber os limites e possibilidades da noçoem de redes no seu uso combinado com a teoria do campo, ainda faltam estudos que deitem luz com maior profundidade sobre a articulaçoem entre estas duas linhas de trabalho.<sup>11</sup>

Umha das questons candentes mais presentes nas aplicaçoens da análise de redes ao fenómeno literário –explicitado, por exemplo, na obra *Les Réseaux littéraires*– e que conecta diretamente com a discussom paralela existente no universo da ARS ao nível sociológico, tem a ver com a sua definiçoem disciplinar, mediante o questionamento da sua entidade como paradigma ou método auxiliar, quer dizer-se, sobre a base da avaliaçoem do

*Propostas para umha história literária de fundamentação empírica: bases de dados e análise de redes*  
Cristina Martínez Tejero

12

A este respeito, M. Lacroix (2003: 477) anuncia a sua aplicação da análise estrutural de redes à literatura –dadas as suas divergências quanto aos seus métodos e objetivos– e a sua decantação, porém, pela utilização de certas noções de forma heurística, especialmente aquelas que aprecia como dotadas de um grande potencial, como ‘capital social’, ‘centralidade’ ou ‘autonomia estrutural’.

grau em que os seus métodos e objetivos som distintivos em relação aos dispositivos já conhecidos (o que, traduzido para o âmbito puramente literário, se reflete na interrogação de se estamos perante umha nova teoria de abordagem da literatura). As reservas explícitas cara esta última proposta som manifestadas por Aron e Denis (2006: 17) ou Fréché (2007: 707). Também Vaillant (2006: 125) e Viala (2006: 278-9) se posicionam no mesmo sentido, chamando, aliás, a atenção para a nome conversão das redes numha ‘fábrica teórica’ ou fetiche epistemológico, respetivamente. A centralidade da já citada obra de Degenne e Forsé para os estudos de redes no âmbito francófono parece estar por trás destas claras reservas cara umha ‘teoria de redes’ nome totalmente assumida no âmbito internacional especializado neste assunto. A ausência de consenso sobre se esta abordagem é umha aproximação distintiva ao estudo da realidade social ou se se trata dumha incorporação específica às investigações tradicionais domina os debates do pessoal especializado desde os anos 70 até a atualidade, algo que é justificado em base a estarmos ante umha aproximação em construção, onde o peso dos aspectos estatísticos e metodológicos é ainda mui importante (Molina 2001: 14).

O posicionamento mais frequente, seguido polo núcleo do CIEL (Aron e Denis 2006; Fréché 2007; Dozo 2007) e concordante com o desenvolvimento prático feito nos trabalhos do Fisempoga, tem a ver com um uso das redes como um instrumento auxiliar para preencher certas deficiências da teoria do campo, sem que, tal como explicita Sapiro (2006: 49), isto implique necessariamente a aceitação dos seus pressupostos teóricos.<sup>12</sup> Neste sentido, a investigadora francesa chama (2006: 53 e ss.), neste mesmo artigo, à reflexão e sistematização rigorosa para o uso da noção de rede em Sociologia da literatura –face o qual se situa o uso metafórico e conseqüente perigo da perda da especificidade assinalada por Lacroix (2003: 476) seguindo a Degenne e Forsé (1994: 26)–, cujas bases poderiam ser os princípios metodológicos que ela assinala nestas páginas e, segundo os quais, a análise de redes literárias compreenderia, de forma sintética: a caracterização da estrutura da rede (tamanho, densidade, intensidade, hierarquia); a contemplação do seu grau de institucionalização; a observação do modo de formação da rede; a procura das relações objetivas (afinidades eletivas e de solidariedade); o estudo do capital social mobilizado, assim como dos objetivos que orientam esta mobilização; a localização dos roles multiposicionais e intermediários; ou a focalização do papel da rede em relação ao capital simbólico em jogo.

Por outro lado, e tal como foi introduzido nos parágrafos prévios, umha das vantagens mais interessantes que chega a perspectiva das redes é a sua adequação para a focalização de sistemas literários em processo de conformação, assunto este que fica fora das propostas heurísticas contempladas na teoria do campo, cujo núcleo de análise predileto som os sistemas com um elevado grau de consolidação e autonomia. Explicam Aron e Denis (2006: 14 e ss.), desde o caso da Bélgica francófona, como a ambigüidade e abertura da noção de rede a fai susceptível de ser um instrumento particularmente bem adaptado para a descrição e análise das formas literárias dominadas, dada a complexidade do funcionamento nestes casos em que se misturam lógicas internas e externas ao campo. A inexistência duns limites assentados é habitual nestes contextos em que os campos sociais estão debilmente constituídos, resultando processos mistos, imprecisos e incompletos que o conceito de rede, graças à sua relativa neutralidade categorial mediante a suspensão provisória das categorias do literário, pode ajudar a



perceber (Aron e Denis 2006: 17). Pense-se, por exemplo, na vinculação entre os âmbitos da literatura e a política nos processos emergentes em que a adopção dumha focagem reticular pode contribuir para deitar luz. Seguindo a Viala (2006), quem vai além nas suas propostas, a utilidade das redes confirma-se no seu uso ultrapassando os limites do campo mas também quando nom é possível dar por efetiva essa estrutura: assim, o investigador francês aponta, por exemplo, para as possíveis aplicações deste instrumento em épocas prévias à existência de campos sociais dotados dumha suficiente autonomia e que, lembremos, Bourdieu (1992) situa de forma genérica no século XIX, após o fim do Antigo Regime e a mudança da organização social. Afirmações como esta encontram, assim mesmo, sentido nas propostas contempladas desde o Fisempoga em que, sobretudo na fase inicial do período objeto de estudo, os indícios apontam a que nom é adequado falar em campo ou sistema literário, dada a situação deficiente e precária em que o meio literário se desenvolve, e que Torres Feijó (2004) denominou como ‘protossistema’.

Mais um aspecto que deve ser mencionado som as questões derivadas do trabalho com dados empíricos como as características da recolha e os seus limites. De forma genérica, existem dous tipos de aproximação à ARS: egocêntrico (estudo da rede de relações –necessariamente distintiva– dum indivíduo) ou sociocêntrico (conjunto da interações entre pessoas), polo que, de forma evidente neste último caso, se coloca a problemática da definição da unidade de análise, quer dizer-se, quais som os limites da rede. A dificuldade para fixar fronteiras –e o carácter arbitrário de toda a escolha neste linha– é um dos principais inconvenientes da técnica de ARS, que só pode garantir a fiabilidade dos seus resultados se o seu trabalho estiver baseado em redes completas, o que ocasiona problemáticas ainda maiores no caso da sua aplicação ao campo literário, cujas fronteiras som ainda mais difusas e que vale a Claisse (2006: 29 e ss.) para incidir nos seus receios para a convivência entre a ARS e as teorias bourdieuanas. Seguindo Laumann, Marsden e Prensky (1983), Molina (2001: 64-65) aponta para a aplicação de dous critérios, o nominalista –imposto pola pesquisadora ou pesquisador– e o realista –utilizado a partir da existência dumha unidade social pré-existente e concebida como tal polos próprios atores (por exemplo, um clube desportivo, um grupo de jovens ou um bairro, e que, traduzido para o mundo literário, pode ser um coletivo reunido à volta dumha revista, umha editorial, umha instituição, um prémio, etc.). Além disso, existem algumas técnicas para alcançar umha amostra significativa (Molina 2001: 65 e ss.); porém, o seu uso está testado sobretudo para o âmbito sociológico e antropológico, em que hai um contacto direto com as comunidades investigadas. Polo contrário, o método mais frequente para a recolha de dados relacionais no caso dos estudos literários, e especialmente os de cariz histórico, é o recurso a registros documentais.

A premissa do empirismo obriga, assim mesmo, a ter em conta umha série de requisitos à hora de aceitar como válidos os dados recolhidos: é necessário, para além do preenchimento total da rede, que as relações sejam efetivas e nom representações delas; isto é, nom é possível sobrepor feitos e leituras secundárias sobre eles. A informação relacional recolhida é a base sobre a qual se assenta a ARS e que permite inferir a estrutura e o modo de relacionamento entre os nodos, polo qual se fai necessária também a inclusom de dados sobre a constância e o volume da interação. Hai, porém, umha questão derivada que bastante habitualmente desvirtua os

13

Para umha reflexom sobre as diversas problemáticas que afetam à validade dos dados, cálculos ou inferências realizadas a partir de ARS –e na maior parte dos casos nom conscientes polas próprias pesquisadoras e pesquisadores–, pode ser consultado Miceli (2008).

resultados oferecidos por esta técnica: a suposta objetividade automática dos dados recolhidos para a ARS, esquecendo que, tal como indica Molina (2001: 19-20), a validade dos dados relacionais está sujeita em grande medida à mesma problemática que os dados atributivos.<sup>13</sup>

Entrando no terreno prático, som múltiplas as linhas de investigação que nos últimos anos tenhem botado mao da ARS para umha aproximação distintiva ao literário. Trata-se, como já foi indicado, sobretudo de estudos sobre o pessoal literário, estando algunhas das principais linhas presentes no volume coordenado por De Daphné e Denis (2006), por exemplo, com atenção aos agentes involucrados em diferentes núcleos como grupos (vejam-se os trabalhos de Vaillant, Vanderpelen ou Bretrand-Glinoer), casas editoriais (Gnocchi e Fincœur), revistas (Boschetti, Berg, Purnelle-Dozo) ou academias (Népote). A aposta polas redes como instrumento de explicação está plenamente integrada no projeto investigador do núcleo do CIEL onde, além dos exemplos já referidos, encontramos a tese de doutoramento de Dozo (2007) em que opta por umha combinação da linha da análise prosopográfica desenvolvida por Sapiro (2006) e a análise estrutural de relações sociais, mediante o emprego de métodos quantitativos que nom pretendem desbancar os qualitativos. Este mesmo investigador belga, em colaboração com o quebequense M. Lacroix, é o promotor do projeto de investigação ('Prix littéraires. Réseaux, discours, représentations') destinado a estudar os processos de atribuição e circulação do capital simbólico através da análise dos prémios literários de âmbito francófono na atualidade, com base em três linhas articulatórias: o estudo das redes dos júris dos prémios, a análise do discurso jornalístico sobre eles e a leitura de obras ficcionais premiadas.

No caso concreto do projeto Fisempoga, a primeira introdução sistemática da ARS foi a elaborada por Carlos G. Figueiras (2006) em que se contemplava umha proposta metodológica para a utilização desta ferramenta em consonância com as linhas teóricas seguidas nesta pesquisa e era realizada umha tentativa de aplicação para o ano 1968. Desde entom, o uso de ARS foi alargando-se nas nossas apostas de trabalho com análises, por exemplo, da vinculação entre agentes e revistas/editoras (Figueiras 2006, Samartim e Cordeiro Rua 2009), do processo do cooptação de novos membros nas instituições do sistema cultural galego (Martínez Tejero 2012) ou da estrutura do sistema em base aos agrupamentos institucionais existentes (Samartim 2010). Os novos conhecimentos sobre esta ferramenta, assim como a recente notícia dos trabalhos desenvolvidos na Bélgica, permitem questionar algunhas das afirmações e utilizações feitas sobre a ARS no percurso investigador do Fisempoga. Deve, assim, ser reavaliada a confiança total depositada nesta técnica como fórmula de análise da informação compilada nas bases do projeto, à luz da natureza dos dados achegados pola recolha. Em todo o caso, estamos ante umha incipiente via de investigação que só poderá ser ponderada com precisom através da sua exploração aplicada.

## Conclusons

Tal como ficou estabelecido nas páginas prévias, este trabalho pretendeu proporcionar algunhas orientações que podam eventualmente contribuir para um novo achegamento (historiográfico) ao literário desde umhas premissas empíricas cujo valor para a renovação da história literária foi

A modo de exemplo das diretrizes seguidas por este grupo pode ser consultado Dowd e Janssen (2010).

explicitado, por exemplo, por Casas Vales (2003: 89; 2008: 41). O ponto capital desta proposta passa pela aposta por mecanismos provenientes da estatística ou da sociologia, especialmente a experimentação das redes como ferramenta de análise, que forneçam novos elementos de focagem e avaliação sobre o fenómeno literário, concebido este em toda a sua extensão, quer dizer-se, tal como é percebido desde as teorias sistémicas e de campo.

A conexão entre redes e discurso historiográfico habitua ser umha questão transversal nestes debates –inserida dentro dum programa de justificação e rendabilidade da análise de redes para as investigações sobre o campo literário–, porém, não pode deixar de ser assinalada a inscrição plena na história literária que, por exemplo, defendem desde o CIEL para os seus estudos: sem ir mais longe, Dozo (2007) sustenta as propostas de redes como fórmula de renovação da historiografia. Às enunciações de Vaillant (2006) sobre a conexão entre redes e poética histórica para trabalhar as diferentes noções de valor em cada época, há que somar as reflexões de M. Lacroix (2003: 487) sobre os produtivos conceitos de centralidade externa ou heterogénea –isto é, figuras centrais num grupo a diferentes níveis, porém, deixadas de lado pela história literária tradicional em virtude de não tratar-se de produtoras e produtores literários ou não ser este o ponto fundamental da sua atividade– e que a ARS permite localizar e reinterpretar, reavaliando a leitura feita desde outras óticas. Por outro lado, e num nível mais prosaico, estão por ponderar as potencialidades didáticas –âmbito este estreitamente vinculado à história– do material visual que ferramentas como a ARS achegam e a nova visão gráfica sobre os fenómenos literários que isto representa.

Os pressupostos e ambições aqui contempladas situam como inevitável o trabalho em equipa dado os esforços necessários tanto na atualização de conhecimentos como no preenchimento e desenho de estruturas de recolha que obrigam a desbotar propostas de investigação unipessoal e, no melhor dos casos –quer dizer, na disposição de meios materiais e humanos– apostar parcialmente por umha equipa técnica, perfil este muito afastado dos tradicionais humildes projetos de pesquisa em humanidades. Se o núcleo desta proposta é a utilização de métodos avaliados como científicos noutras disciplinas é, porém, necessário indicar que os estudos estatísticos e doutro tipo aplicados ao literário não se esgotam nesta opção e, por exemplificar, podem ser referidas aqui a corrente lexicográfica, os desenvolvimentos técnicos para a análise do discurso ou a linha de pesquisa explorada pelo núcleo herdeiro de Van Rees na Holanda (cujo meio de referência é a revista *Poetics*), em que, com herança bourdieuana (principalmente 1979, 1980) e da ciência empírica de Schmidt, centram a sua análise nas fórmulas de consumo de bens culturais.<sup>14</sup>

A muito recorrida questão da cientificidade dos estudos literários deve forçosamente enfrentar algumas rémoras que vêm desde a insistentemente citada tentativa neopositivista até a admissão de que a objetividade não está espontaneamente garantida pela aplicação destes métodos. Faz-se, no entanto, necessária a seleção crítica do objeto de estudo e dos procedimentos de abordagem correspondentes. Indo mais além, é pertinente fazer um chamamento à superação da simplicidade dos estudos quantitativos –por vezes, o trabalho de Dozo (2007) parece tropeçar neste escolho– em prol dumha investigação que incorpore plenamente o qualitativo às suas premissas. Por outro lado, as propostas apresentadas nas páginas prévias podem abrir caminhos para questionar, desde o trabalho empírico realizado, as possibilidades para desenvolver de forma efetiva histórias culturais

*Propostas para unha historia  
literaria de fundamentacion  
empirica: bases de datos e  
analise de redes*  
Cristina Martínez Tejero

—sendo esta abertura a outros formatos artísticos unha das alternativas mais asentadas para a historia literaria tradicional— dada a quantidade de informacion que unha proposta desse tipo acarreta; isto é, o que se pretende pôr em cuestionamento nestas linhas nom é a inserçom (lógica) das práticas literarias dentro do quadro do cultural como moldura de referència, mas a necessidade de delimitaçom dum objeto de estudo apreensível e obrigado a superar, na maior parte dos casos, a pretensom da exaustividade a favor de seleçoms críticas de referentes que garantam a representaçom da heterogeneidade (Casas 2008: 52).

Foi já anotada a possibilidade de utilizaçom das redes em casos onde nom é possível falar de campo ou sistema e os avanços que este feito introduze para conjunturas ‘anómalas’ como podem ser os sistemas belga ou galego, onde a sua própria condiçom ‘disforme’ lhes concede um valor acrescentado para testar fórmulas específicas que dem conta de fenómenos praticamente ignotos nos modelos canonizados de estudo. A sua particular entidade fai-nos propícios para a experimentaçom e investigaçom metodológica, reafirmando a proposta de Dozo (2007) da ‘literatura belga como um laboratório de provas’. A última das reflexoms que será introduzida neste artigo tem a ver com a ausência de aplicaçoms ao caso galego —apesar do relativo sucesso (pelo menos, simbólico) das teorias bourdieuanas no seu espaço académico— de estudos que incorporem a focagem do percurso social dos agentes do campo literário (aos níveis de origem, trajetória escolar, profissom, localizaçom, etc.) e as suas rendabilidades e interesses (também as razoms da sua ausência) para os discursos historiográficos em casos de sistemas (caracterizados como) deficitários. Como hipótese, quero anotar a traslaçom habitual desde as faculdades de filologia e letras das propostas de Bourdieu no seu nível mais semiótico e menos sociológico, assim como a relevância de investigaçoms que contemplem de forma efetiva, por exemplo, a trajetória de intelectuais ativos na Galiza durante o século xx, com variáveis como o capital económico disponível e as tomadas de posiçom políticas adotadas.



## Obras citadas

- ABUÍN GONZÁLEZ, Anxo & Anxo TARRÍO VARELA, eds., 2004. *Bases metodolóxicas para unha Historia comparada das literaturas na península Ibérica* (Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela).
- ANDERSON, Benedict, 1987. *Imagined Communities: Reflections on the Origin and Spread of Nationalism* (Londres: Verso).
- ANGENOT, Marc, 1992. 'History in synchrony: literature and social discourse', Mario J. VALDÉS, Daniel JAVITCH & A. Owen ALDRIDGE, eds. *Comparative Literary History as Discourse: In Honor of Anna Balakian* (Bern: Peter Lang): 135-155.
- ANHEIER, Helmut K., Jürgen GERHARDS & Frank P. ROMO, 1995. 'Forms of Capital and Social Structure in Cultural Fields: Examining Bourdieu's Social Topography', *American Journal of Sociology*, 4: 859-903.
- ARON, Paul, 2002. 'Sociologie', Paul ARON, Denis SAINT-JACQUES & Alain VIALA, dirs.: 557-559.
- ARON, Paul & Benoît DENIS, 2006. 'Introduction. Réseaux et institution faible', Marneffe DE DAPHNÉ & Benoît DENIS, eds.: 7-18.
- ARON, Paul & Alan VIALA, 2006. *Sociologie de la littérature* (Paris: Presses Universitaires de France).
- ARON, Paul, Denis SAINT-JACQUES & Alain VIALA, dirs., 2002. *Le dictionnaire du littéraire* (Paris: Presses Universitaires de France).
- BERG, Christian, 2006. 'Le réseau du boxon. Réflexions sur la modernité en Belgique avant *La Jeune Belgique*', Marneffe DE DAPHNÉ & Benoît DENIS, eds.: 135-150.
- BERTRAND, Jean-Pierre & Anthony GLINOER, 2006. 'La 'nouvelle génération' romancière face à ses réseaux, 1997-2001', Marneffe DE DAPHNÉ & Benoît DENIS, eds.: 249-262.
- BOSCHETTI, Anna, 2006. 'De quoi parle-t-on lorsque l'on parle de 'réseau'?', Marneffe DE DAPHNÉ & Benoît DENIS, eds.: 60-70.
- BOURDIEU, Pierre, 1979. *La distinction: critique sociale du jugement* (Paris: Les Editions de Minuit).
- BOURDIEU, Pierre, 1980. 'The production of belief: Contribution to an economy of symbolic goods', *Media, Culture and Society*, 2: 261-293.
- BOURDIEU, Pierre, 1985. 'Existe-t-il une littérature belge? Limites d'un champ et frontières politiques', *Études de lettres*, 3: 3-6.
- BOURDIEU, Pierre, 1991a. 'Questions of method', Elrud IBSCH, Dick SCHRAM & Gerard STEEN, eds. *Empirical Studies of Literature: Proceedings of the Second IGEL-Conference, Amsterdam 1989* (Amsterdam-Atlanta: Editions Rodopi B.V.): 19-36.



*Propostas para unha historia literaria de fundamentacion empirica: bases de datos e analisis de redes*  
Cristina Martínez Tejero

BOURDIEU, Pierre, 1991b. 'Le Champ Littéraire: Avant-propos', *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 89: 3 -46.

BOURDIEU, Pierre, 1992. *Les Règles de l'Art. Genèse et structure du champ littéraire* (Paris: Éditions du Seuil).

BOURDIEU, Pierre & Loïc J.D. WACQUANT, 1992. *Réponses: pour une anthropologie réflexive* (Paris: Éditions du Seuil).

CASAS VALES, Arturo, 2003. 'Sistema interliterario y planificación historiográfica a propósito del espacio geocultural ibérico', *Interlitteraria*, 8: 68-97.

CASAS VALES, Arturo, 2004. 'Catro modelos para a nova Historia literaria comparada. Unha aproximación epistemolóxica', Anxo ABUÍN GONZÁLEZ & Anxo TARRÍO VARELA, eds.: 45-71.

CASAS VALES, Arturo, 2008. 'Constituição de umha História literária de base sistémica: o sistema cultural como objeto de análise histórica no programa de investigação de Itamar Even-Zohar', *Veredas. Revista da Associação Internacional de Lusitanistas*, 10: 27-55.

CLAISSE, Frédéric, 2006. 'De quelques avatars de la notion de réseau en sociologie', Marneffe DE DAPHNÉ & Benoît DENIS, eds.: 21-43.

DE MARNEFFE, Daphné & Benoît DENIS, eds., 2006. *Les Réseaux littéraires* (Bruxelles: Le Cri/CIEL).

DE NOOY, Wouter, 1991. 'Social networks and classification in literature', *Poetics*, 20: 507-537.

DE NOOY, Wouter, 2003. 'Fields and networks: correspondence analysis and social network analysis in the framework of field theory', *Poetics*, 31: 305-327.

DEGENNE, Alain & Michel FORSÉ, 1994. *Les Réseaux sociaux. Une analyse structurale en sociologie* (Paris: Armand Colin).

DIMIĆ, Milan V., 1989. 'Canadian Literatures of Lesser Diffusion: Observations from a Systemic Standpoint', Joseph PIVATO, Steven TOTOSY DE ZEPETNEK & Milan V. DIMIĆ, eds. *Literatures of Lesser Diffusion / Les littératures de moindre diffusion*. Special Issue Canadian Review of Comparative Literature / Revue Canadienne de Littérature Comparée, 16(3-4): 565-74.

DOWD, Timothy J. & Susanne JANSSEN, 2010. 'A message from the new editors', *Poetics*, 38 (1): 3.

DOZO, Björn-Olav, 2007. *Mesures de l'écrivain. Étude socio-statistique du sous-champ littéraire belge francophone de l'entre-deux-guerres*. Tese de doutoramento dirigida por Jean-Marie KLINKENBERG, Université de Liège, Faculté de Philosophie et Lettres, Département de Langues et Littératures romanes. Ano académico 2006-2007.

DOZO, Björn-Olav & Bibiane FRÉCHÉ, 2006. 'Réseaux et bases de données', Marneffe DE DAPHNÉ & Benoît DENIS, eds.: 86-108.

EVEN-ZOHAR, Itamar, 1990. 'Polysystem Theory', *Poetics Today*, 11: 27-96.

EVEN-ZOHAR, Itamar, 1999. 'Factores y dependencias en la cultura. Una revisión de la Teoría de los Polisistemas', Monserrat IGLESIAS SANTOS, ed. *Teoría de los Polisistemas* (Madrid: Arco/Libros): 23-52.

EVEN-ZOHAR, Itamar, 2007. *Polisistemas de cultura*, [http://www.tau.ac.il/~itamarez/works/papers/trabajos/polisistemas\\_de\\_cultura2007.pdf](http://www.tau.ac.il/~itamarez/works/papers/trabajos/polisistemas_de_cultura2007.pdf), última consulta 19.07.2010.

EVEN-ZOHAR, Itamar, 2010. *Papers in Culture Research*, [http://www.tau.ac.il/~itamarez/works/books/EZ-CR-2005\\_2010.pdf](http://www.tau.ac.il/~itamarez/works/books/EZ-CR-2005_2010.pdf), última consulta 15.10.2012.

FIGUEIRAS, Carlos G., 2006. *O Protossistema Literário Galeguista: Proposta metodológica e linhas de investigação aplicadas a 1968*. Trabalho de Investigaçom Tutelado (inédito), Faculdade de Filologia, USC.

FINCCEUR, Michel, 2006. 'Le 'réseau existe' dans l'édition sous l'Occupation allemande, 1940-1944', Marneffe DE DAPHNÉ & Benoît DENIS, eds.: 225-248.

FRÉCHÉ, Bibiane, 2007. 'Les études de littératures francophones et la notion de réseau. Le projet CIEL', Maria Hermínia AMADO LAUREL *et al.*, coord. *Espaces de la Francophonie en débat. Actes du Forum APEF 2006*: 203-214, [http://apef.org.pt/downloads/acta\\_2006/actas.pdf](http://apef.org.pt/downloads/acta_2006/actas.pdf), última consulta 19.07.2010.

GNOCCHI, Maria Chiara, 2006. 'Le réseau de Rieder. Description historique et questionnement méthodologique', Marneffe DE DAPHNÉ & Benoît DENIS, eds.: 189-200.

GUALDA CABALLERO, Estrella, 2005. 'Pluralidad teórica, metodológica y técnica en el abordaje de las redes sociales: hacia la 'hibridación' disciplinaria', *REDES. Revista hispana para el análisis de redes sociales*, 9, <http://revista-redes.rediris.es>, última consulta 19.07.2010.

HOBBSAWM, ERIC, 1983. 'Introduction: Inventing Tradition', Eric HOBBSAWM & Terence RANGER, eds. *The Invention of Tradition* (Cambridge: Cambridge University Press): 1-14.

IMÍZCOZ BEUNZA, José M<sup>a</sup>, 2001. 'Actores sociales y redes de relaciones: reflexiones para una historia global', José M<sup>a</sup> IMÍZCOZ BEUNZA, coord. *Redes familiares y patronazgo: aproximación al entramado social del País Vasco y Navarra en el Antiguo Régimen, siglos XV-XIX* (Bilbao: Universidad del País Vasco): pp. 19-30.

IMÍZCOZ BEUNZA, José M<sup>a</sup>, 2004. 'Actores, redes, procesos: reflexiones para una historia más global', *Revista da Faculdade de Letras. História*, 5: 115-140, <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/2378.pdf>, última consulta 19.07.2010.

*Propostas para unha historia  
literaria de fundamentacion  
empirica: bases de datos e  
analise de redes*  
Cristina Martínez Tejero

KLINKENBERG, Jean-Marie & Benoît DENIS, 2005. *La littérature belge. Précis d'histoire sociale* (Bruxelles: Éditions Labor).

LACROIX, Michel, 2003. 'Littérature, analyse de réseaux et centralité: esquisse d'une théorisation du lien social concret en littérature', *Recherches sociographiques*, XLIV (3): 475-497.

LACROIX, Michel, 2006. 'Ponts, triades, trous ou comment décrire les réseaux littéraires. Le cas des relations entre Léo-Paul Desrosiers et les éditions Gallimard', Marneffe DE DAPHNÉ & Benoît DENIS, eds.: 201-224.

LAUMANN, Edward O., Peter V. MARSDEN & David PRENSKY, 1983. 'The Boundary Specification Problem in Network Analysis', Ronald's BURT & Michael J. MINOR, eds. *Applied Network Analysis*. (Beverly Hills: Sage): pp. 19-34.

LOZARES COLINA, Carlos, 1996. 'La teoría de redes sociales', *Papers*, 48: 103-126.

MARTÍNEZ TEJERO, Cristina, 2009. 'A construción da identidade galega polo galeguismo institucional(izado): do tardofranquismo para o século XXI', *Novas achegas ao estudo da cultura galega II*. A Coruña: Universidade da Coruña: pp. 253-266.

MICELI, Jorge E., 2008. 'Los problemas de validez en el análisis de redes sociales. Algunas reflexiones integradoras', *REDES. Revista hispana para el análisis de redes sociales*, 14, <http://revista-redes.rediris.es>, última consulta 19.07.2010.

MOLINA, José Luis, 2001. *El análisis de redes sociales. Una introducción* (Barcelona: Ediciones Bellaterra).

NÉPOTE-DESMARRES, Fanny, 2006. 'Réflexions sur les réseaux culturels toulousains au XVII<sup>e</sup> siècle', Marneffe DE DAPHNÉ & Benoît DENIS, eds.: 111-122.

NÚÑEZ SEIXAS, Xosé M., 2001. 'De Breogán a Pardo de Cela, pasando por América: notas sobre la imaginación del nacionalismo gallego', *Historia Social*, 40: 53-78.

PONTON, Rémy & Paul ARON, 2002. 'Sociabilité littéraire', Paul ARON, Denis SAINT-JACQUES & Alain VIALA, dirs.: 553-554.

PURNELLE, Gérald & Björn-Olav DOZO, 2006. 'L'apport des revues et de la statistique à l'approche des réseaux', Marneffe DE DAPHNÉ & Benoît DENIS, eds.: 151-174.

RAJOTTE, Pierre, 2002. 'La sociabilité littéraire au Québec: de l'usage public de la raison à la reconnaissance d'une légitimité fondée sur un principe de compétence', *Voix et Images*, 27 (2|80): 196-215.

REQUENA SANTOS, Félix, 2003. *Análisis de redes sociales: orígenes, teorías y aplicaciones* (Madrid: Centro de Investigaciones Sociológicas - Siglo XXI).

*Propostas para unha historia  
literaria de fundamentacion  
empirica: bases de datos e  
analise de redes*  
Cristina Martínez Tejero

RODRÍGUEZ, Josep A., 2005. *Análisis estructural y de redes* (Madrid: Centro de Investigaciones Sociológicas).

SAMARTIM, Roberto López-Iglésias, 2009. 'Métodos e ferramentas para o estudo dum sistema cultural emergente em tempos de mudança política: o caso galego (1968-1982)', Manuel Carlos Silva et al., orgs. [*Actas do X Congreso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. Sociedades desiguais e paradigmas em confronto*. (Braga: Centro de Investigação em Ciências Sociais, Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho), Vol. I: 117-126.

SAMARTIM, Roberto López-Iglésias, 2010. O processo de construción do sistema literario galego entre o franquismo e a transición, 1974-1978: Margens, Relaçons, Estrutura e Estratégias de Planificação Cultural. Tese de doutoramento orientada polo prof. Elias J. Torres Feijó, Departamento de Filologia Galega, USC.

SAMARTIM, Roberto López-Iglésias & Gonçalo CORDEIRO RUA, 2009. 'Pensamento Cultural Galego em Referência a Portugal: Posição e Função de Ideias e Grupos no Tardofranquismo e na Transição', *Actas do I Congresso Internacional 'O Pensamento Luso Galaico Brasileiro entre 1850 e 2000*. (Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda): 171-198.

SAPIRO, Gisèle, 1996. 'Collective Biographies and the Theory of 'Literary Field': on the Contribution of Prosopography to the Sociology of Literature', *Skeptronhäften / Skeptron Occasional Papers*, 9: 5-16.

SAPIRO, Gisèle, 2006. 'Réseaux, institution(s) et champ', Marneffe DE DAPHNÉ & Benoît DENIS, eds.: 44-59.

THIESSE, Anne-Marie, 1999. *La Création des identités nationales: Europe XVIII<sup>e</sup> -XX<sup>e</sup> siècle* (Paris: Editions du Seuil).

TORRES FEIJÓ, Elias J., 2004. 'Contributos sobre o objecto de estudo e metodologia sistémica. Sistemas literarios e literaturas nacionais', Anxo ABUÍN GONZÁLEZ & Anxo TARRÍO VARELA, eds.: 423-444.

VAILLANT, Alain, 2006. 'Réseau et histoire littéraire: de la sociologie à la poétique', Marneffe DE DAPHNÉ & Benoît DENIS, eds.: 123-134.

VAN REES, Cees.J., 1983. 'How a literary work becomes a masterpiece', *Poetics*, 12: 397-417.

VANDERPELEN-DIAGRE, Cécile, 2006. 'Réseau et groupe. L'exemple des écrivains catholiques francophones', Marneffe DE DAPHNÉ & Benoît DENIS, eds.: 175-188.

VIALA, Alain, 2006. 'Pour un premier bilan', Marneffe DE DAPHNÉ & Benoît DENIS, eds.: 263-280.

WASSERMAN, Stanley & Katherine FAUST, 1994. *Social Network Analysis. Methods and Applications* (Cambridge: Cambridge University Press).

WIPLER, Reinhard, 1978. 'The structural-individualistic approach in Dutch sociology', *The Netherlands Journal of Sociology*, 14: 135-155.

*Propostas para unha historia  
literaria de fundamentacion  
empirica: bases de datos e  
analise de redes*  
Cristina Martínez Tejero

## Recursos electrónicos

Base de données sur les métiers du livre au Québec: <http://www.usher-brooke.ca/grelq/recherche/projets/mlq/base-de-donnees.html>

Centre d'histoire de la littérature belge en langue française: <http://www.ulb.ac.be/rech/inventaire/unites/ULBo43.html>

Centre interuniversitaire d'Étude du Littéraire, CIEL: <http://ciel.philo.ulg.ac.be/cielcms/>

*Histoire & Mesure*: <http://histoiremesure.revues.org/>

International Network for Social Network Analysis: <http://www.insna.org/>

Prix littéraires. Réseaux, discours, représentations: <http://prixlitteraires.hypotheses.org/>